

GADOTTI, Moacir. “Por que devemos continuar estudando Freire?”. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.

Prefácio

Por que devemos continuar estudando Freire?

Tenho a alegria de apresentar ao leitor a segunda edição deste livro do professor Afonso Celso Scocuglia. A maioria dos livros publicados no Brasil não passa da primeira edição. Este chegou à segunda muito rapidamente. Quero destacar inicialmente o mérito deste feito. Ele chegou à segunda edição, em primeiro lugar, porque o seu autor não abandonou seu livro, não pediu para que ninguém esquecesse o que escreveu. Ao contrário, com ele na mão, percorreu diversas regiões do país e discutiu seu conteúdo, aprendendo com o percurso do seu próprio livro, sendo agora um leitor crítico dele. Em segundo lugar, pela causa que Scocuglia escolheu: o pensamento de Paulo Freire. Esta é uma causa mais do que oportuna sobretudo num país com tantas carências educacionais. Sua obra mantém-se viva também porque ela responde a necessidades fundamentais da educação. Pela causa que Paulo defendeu, devemos continuar estudando a sua obra, para não venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos deste século.

Entre outros méritos de Scocuglia, está o de nos colocar, sobretudo a “primeira fase” do pensamento de Freire, de maneira clara e concisa, relacionando-a com o presente. Alguns intérpretes de Freire sustentam que não há propriamente etapas ou fases no seu pensamento. Por isso Scocuglia coloca a “primeira fase” entre aspas. Não há propriamente fases. De fato, há algo que permanece constante no pensamento de Freire: a sua preocupação ética, seu compromisso com os “condenados da Terra” (em *Pedagogia do Oprimido*), com os “excluídos” (em *Pedagogia da Autonomia*). Seu ponto de vista foi sempre o mesmo. O que se poderia chamar de “fase” ou “etapa” do seu pensamento é a ênfase em certas problemáticas que, estas sim, vão se diversificando e evoluindo. Paulo Freire “retoma” certos temas, como em *Pedagogia da esperança*, “retoma” em sua *Pedagogia do oprimido*. Em sua *Pedagogia da autonomia* ele afirma textualmente que retoma certos problemas, mas não como “pura repetição do que foi dito”. “No meu caso pessoal”, diz ele, “retomar um assunto ou tema tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que direciono minha curiosidade. Tem a ver também com a relação que certa matéria tem com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de minha reflexão” (p. 14-15).

Há certamente na obra de Paulo Freire um retorno e um desenvolvimento em espiral de uma grande polifonia de temas geradores orientados pela escolha de um ponto de vista emancipador da ciência, da cultura, da educação, da comunicação etc. Por isso pode-se concluir que a obra de Paulo Freire gira em torno de um único objeto de pesquisa, como vem sustentando um de seus mais importantes intérpretes (Celso Rui de Beisiegel). Este objeto estaria já no seu primeiro livro Educação e atualidade brasileira: a educação como instrumento de libertação. Sobre esse objeto de pesquisa – um enorme desafio – Paulo Freire perguntou-se durante toda a sua vida. E nos deixou como legado inúmeras perguntas.

Todos somos frutos de nossa própria história, de nossas escolhas. Como seres históricos, como seres inacabados, vamos construindo nosso próprio caminho, caminhando, tecendo o amanhã de hoje. Não poderia ser diferente com Paulo Freire. Ele mesmo admitiu que cometera certas “ingenuidades”. Contudo, deve-se destacar nele a consciência com seus primeiros propósitos e a reafirmação de certos princípios que o orientaram durante toda a sua vida.

Por que devemos continuar estudando Freire?

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das ideias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade: o respeito à sua pessoa. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das ideias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele. Definiu-se, certa vez, como “um menino conectivo”. A pedagogia do diálogo que praticava fundamentava-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocidadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista.

Scocuglia coloca frente a frente as ideias de Freire e a crise paradigmática da pós-modernidade, que não é apenas uma crise de paradigmas, mas da própria noção de paradigma. Freire situava-se, ele próprio, numa certa “pós-modernidade progressista”, em particular pelos temas que desenvolveu nas suas últimas obras: a questão de gênero, a questão étnica, a questão ecológica... novas temáticas que ele ia incorporando ao seu pensamento político-pedagógico.

Scocuglia, sem dúvida, pode ser colocado entre os mais sérios intérpretes de Paulo Freire. Tem estudado sobretudo as origens do seu pensamento e suas primeiras práticas. Fez um excelente estudo sobre a experiência pioneira de alfabetização com o “Método Paulo Freire”: a Campanha de Educação Popular (CEPLAR) da Paraíba (1961 – 1964), ainda inédito. E vem difundindo o pensamento de Freire, sobretudo pelo nordeste do Brasil. Neste livro deverá continuar agradando a todos, principalmente aos educadores que desejam se iniciar na obra do grande mestre.

Moacir Gadotti

USP/Instituto Paulo Freire

São Paulo, maio de 1999